

■ Presidente da ARSLVT anuncia fecho de camas e redução de Aces em Lisboa

«O paizinho ficou com a carteira vazia»

Luís Cunha Ribeiro diz que os tempos do «Estado paizinho» têm de acabar e avança que está para muito breve, na Região de Lisboa e Vale do Tejo, a fusão de hospitais, a redução de 10 Aces e de mais de 400 camas



Fernanda Jacinto

Segundo Luís Cunha Ribeiro, «a ARSLVT vai ter de fechar mais de 400 camas, porque não podemos somar camas. Nós abrimos há uma semana e meia o hospital de Loures, que injectou no sistema mais de 469, e é óbvio que face ao rácio de camas por habitante que temos só há esta solução»

■ Teresa Mendes

A expressão já tinha sido utilizada em 2010 pela então ministra da Saúde, Ana Jorge, que, a propósito da dívida hospitalar, avisou os conselhos de administração que o Ministério da Saúde não podia ser um «paizinho» dos hospitais e que estes deviam ser responsabilizados pela gestão dos seus financiamentos.

O presidente da Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo (ARSLVT) voltou a pegar nessa expressão, desta vez para demonstrar que, com o acentuar da crise, a preocupação da ARS que agora dirige vai focar-se no que «é mais importante, o que é exequível e o que é possível». Explicando, Luís Cunha Ribeiro disse que «todos queremos um Estado paizinho. Abrimos camas, públicas ou privadas, e depois vamos dizer ao Estado que tem de contratualizar conosco. Pelo amor de Deus! O paizinho tem de nos dar a mensalidade ao fim do mês, pagando e alimentando isto tudo. Chegámos a um ponto em que isto não pode continuar porque o paizinho ficou com a carteira vazia», alertou o responsável.

Falando numa reunião organizada pela ApegSaúde,

Com esta redução os Aces vão ficar com «uma dimensão muito interessante em termos de gestão, vão ter planos de negócios na ordem dos 60/70 milhões de euros e já vai ter que haver uma política de governança a esse nível», afirmou Luís Cunha Ribeiro

em Loures, no passado dia 31, que teve como objectivo reunir ideias para o próximo Congresso do Sistema de Saúde Português, o presidente da ARSLVT, entidade que será anfitriã do congresso, foi claro nas prioridades.

«A preocupação da ARSLVT é otimizar a capacidade instalada. Os meios complementares de diagnóstico representam uma fatia importante do *budget* da ARS e temos de ver o que é que temos instalado e otimizar. Ponto. Não há discussão.» E, «naquilo que não somos capazes de fazer bem, contratualizar com as regras do mercado de preço e qualidade», explicou o dirigente.

Depois, é necessário fazer o que é preciso. Exemplificando, o responsável avançou que «a ARS vai ter que fechar mais de 400 camas, porque não podemos somar camas. Nós abrimos há uma semana e meia o hospital de Loures, que injectou no sistema mais de 469, e é óbvio que face ao rácio de camas por habitante que temos só há esta solução».

Também «imprescindíveis» serão «as fusões dos hospitais e dos centros hospitalares», pois, assegurou aos presentes, «podem ter a certeza, há muita coisa já a ser feita, a ser proposta a ser estudada para avançar no mais curto espaço de tempo».

Também os cuidados de saúde primários da região de Lisboa sofrerão do fenómeno da redução. Como confirmou Luís Cunha Ribeiro, a ARS já entregou ao Governo «uma proposta de redução dos 22 Aces de Lisboa e Vale do Tejo para 12». Na sua opinião, os Aces vão ficar com «uma dimensão muito interessante em termos de gestão, vão ter planos de negócios na ordem dos 60/70 milhões de euros e já vai ter que haver uma política de governança a esse nível».

Ideias para o futuro

A reunião, que teve como objectivo recolher ideias para serem debatidas no próximo IV Congresso do Sistema de Saúde Português (13 e 14 de Abril, em Lisboa), subordinado ao tema «O futuro da Saúde», contou com várias intervenções. Destacamos algumas

Fernando Regateiro, ex-presidente dos Hospitais da Universidade de Coimbra

«Gostava que o próximo congresso se dirigisse para a acção, que fosse curto e grosso. Há muita reflexão, mas há pouco agir.»

«O assunto da mobilidade transfronteiriça tem de ser tratado. Há empresas privadas que já estão a estabelecer contratos e o sector público também o devia fazer. Preparemo-nos para fazer daí uma fileira económica e criar pontes e criar dinâmicas que nos preparem para sermos um país de turismo de saúde, mobilizando autarquias e operadores turísticos.»

«Temos de criar mercado para os recursos humanos excedentes porque vamos ter massa cinzenta para exportar.»

Ana Harfouche, do IPO de Lisboa

«A 25 de Outubro de 2013 a directiva dos cuidados transfronteiriços deve estar operacionalizada e precisamos de saber questões práticas, como qual a língua oficial em que vamos receber os relatórios, por exemplo. Estas questões estão a ser debatidas e nós, cá, andamos um bocadinho ao lado.»

«A literacia do doente tem sido eleita como importante mas ninguém ainda falou como, quando, por que canais e como vamos formar os doentes. Em Espanha há escolas para doentes. Se calhar também temos de preparar esse caminho.»

«Na minha opinião todas as pessoas na área da Saúde deveriam trabalhar um ano no voluntariado, porque senão temos algumas frustrações e algumas menos boas práticas.»

Gonçalves André, presidente do Centro Hospitalar de Torres Vedras

«Deveríamos apontar para as prioridades do sistema e de alguma maneira apresentar rupturas. Num congresso destes deve haver sinais claros de que é preciso fazer rupturas, novos operadores, novos sistemas, novos processos. Tudo isso tem de ser questionado... a própria Medicina alternativa.»

«Temos de arranjar formas que sobrelevem a profissão. Nós estamos muito baseados na carreira e menos na profissão.»

Pais Clemente, secretário-geral da European Medical Association

«Falamos muito pouco, ou nada, em Portugal das políticas de Saúde europeias. Precisamos de saber como é que os outros países, em tempos de crise económica, resolvem os seus problemas.»

Jorge Branco, presidente do conselho de administração da Maternidade de Alfredo da Costa

«Com os problemas do SNS temos andado um pouco perdidos, um pouco em fibrilhação, e isso vai fazendo desanimar algumas pessoas. É preciso que as pessoas vejam o caminho claro para que não se percam.»

«O nosso SNS tem condições para que saia da crise mais concorrencial, mesmo interconcorrencial, através da livre escolha. O doente deve ser livre de escolher o que quer, com excepção dos serviços de Urgência.»

«O excesso de recursos humanos perturba-me muito. É um capital humano fundamental. A maior parte dele muito bem preparado. É um prejuízo nacional perdê-los. De uma forma ou de outra têm de ser agarrados para o sistema.»